



O SOLDADO BRASILEIRO DEVE MARCHAR MAIS

Ten-Cel. LIMA FIGUEIRÊDO

O brasileiro é um elemento bom para marchar a pé. O grande "raid" feito de São Paulo às fronteiras do Paraguai pela gente heróica que deu motivo às páginas rutilantes do Visconde de Taunay na "Retirada da Laguna", mostrou que tivemos boas pernas. Não bastasse esse exemplo, outros acharíamos na guerra do Paraguai depois da tomada de Assunção e na campanha de Canudos, nas quais o grande e principal inimigo eram as distâncias a vencer.

O Brasil nunca aproveitou as lições das campanhas vividas. Terminada a guerra ou a revolução, tratava-se de esquecer tudo, até dos ensinamentos adquiridos com sangue e vidas.

Lendo-se a documentação da guerra do Paraguai, a cada instante vamos descobrindo cousas interessantíssimas, que dariam excelentes resultados, e que, entretanto, foram relegadas ao mais desprezível esquecimento. Temos ogerisa de aproveitar a prata da casa para solução do nosso problema, e por isso permitimos que a nossa etapa de marcha diária regulamentar fosse fixada em 24 Km.

A primeira vista parece que a letra do regulamento não será motivo para grandes apreensões. Todavia, a lei do menor esforço dá à questão aspecto verdadeiramente alarmante. A distância de 24 Km é tomada como o máximo a atingir por ocasião do

exame dos recrutas e, uma vez satisfeita a condição no que se refere à marcha, muitos poucos continuam a exercitar-se para conseguir vingar distâncias maiores, em dias seguidos, sem perderem totalmente as energias físicas.

Certa vez conversamos com um engenheiro que havia tirado sua carteira de reservista num tiro de guerra, e ele nos falara na tal marcha de 24 Km como sua maior odisséia. No dia aprazado, depois de escolher uma meia fina e o calçado mais comodo, apresentou-se para a prova.

Quasi morreu no caminho, porém quis Deus que ele, sem saber como, chegasse ao fim do "suplício", tendo assim a satisfação de ficar quite com o serviço militar, se bem que, durante uma semana, tivesse que guardar o leito.

Nos corpos de tropa a cousa é diferente — as sub-unidades executam a marcha com perfeição, sem que seus soldados se sintam extenuados no fim da mesma. Mas é só. Atingidos os 24 Km muito poucos comandantes pensam em responder a estas questões:

- quantos dias sucessivos sua tropa pode dar aquele esforço ?*
- que etapa máxima poderá sua tropa fazer em boas condições ?*
- que grande etapa poderá realizar entre várias sucessivas de 24 Km ?*

Tivessem as autoridades a quem cumpre resolver esses problemas conhecimento de que o tipo brasileiro pode marchar 32 Km diariamente, em dias seguidos, sem se fatigar, e 45 Km ou mesmo 50 Km, eventualmente, temos cabal certeza de que esses números seriam levados para a nossa doutrina de guerra.

Na época em que tudo é marca relâmpago, não podemos andar como cágados. A infantaria tem que ter sua etapa de marcha aumentada.

Já tivemos oportunidade de experimentar o que acima dissemos com ótimo resultado; e ficamos convencidos de que não há marcha curta, nem marcha longa. O que se torna necessário é

adquirir o hábito de marchar. O infante deve ser um homem que para ele seja a mesma cousa — estar sentado, parado ou andando.

O hábito de marchar deve ser extensivo, também, aos oficiais, pois que na guerra não será muito fácil contar-se com o cavalo ou o automóvel, e cada um deve valer-se de suas próprias pernas. Seria interessante que o exercício de marcha fosse, obrigatoriamente, feito por todos os oficiais dos corpos de tropa. Os que dela estivessem fora, sabendo o que lhes estava reservado, procurariam manter o grau de “training” necessário a bem cumprirem sua missão na tropa.

Aqui fica esta sugestão, dentro do programa geral que rege e tem regido esta Revista. A necessidade de aumentarmos a nossa etapa de marcha já está bem amadurecida e, para se colher um fruto maduro, basta apenas sacudir a árvore — foi o que acabamos de fazer.



“A Nação ama o seu Exército e nele confia, porque esta representada por ele, identificada com seu espírito, e de cuja palavra é órgão nos conselhos do governo o general Eurico Dutra. Quando o sr. Getulio Vargas disciplinou, instruiu e armou nossa força militar de terra, tinha a certeza de que o Brasil só podia ser grande, forte e organizado se tivesse uma sólida base militar. É, por isso, que o poder político, representado pelo sr. Getulio Vargas, pode assegurar ao Brasil, nesta hora de dificuldades, um mínimo de apreensões, sabendo que os espevitadores de candeia apagada não entram mais nos quarteis. O Exército, símbolo da Nação, delegou a amplitude das decisões a um estadista, no qual todos confiam. Colaborando com o sr. Getulio Vargas nos delicados problemas desta hora, o general Eurico Dutra consolida, pela admiração aos seus elevados sentimentos de patriota, o que já lhe era devido pelos seus méritos de administrador”.

(“A Nação e o Exército” — Augusto de Lima Junior)

“O estado de preparação moral é excelente e inabalável a decisão de respeitar os compromissos assumidos, coerentes com as tradições militares de honra e a clara noção de deveres do povo brasileiro”.

(Discurso do Exmo. Snr. Presidente da República a 1-1-942)



“O Exército do Brasil não foi uma instituição improvisada em decretos do Príncipe Regente ou do primeiro Imperador. Ele veio se formando desde o alvor da nacionalidade, saindo do seio dela, incarnando-a, ganhando linhas definidas com o roçar dos tempos, avultando, historicamente, na defesa de nosso território e em sua dilatação”.

“O Exército é, pois, a mais antiga das instituições brasileiras, precedeu a todas as demais e existiu antes do Brasil Nação”.

(“A Nação e o Exército” — Augusto de Lima Junior)



“Se formos agredidos, se tentarem violar qualquer trecho do nosso território, o Brasil coeso lutará, confiante na bravura dos seus soldados que cultuam, acima da própria vida, a honra, a disciplina e o dever”.

(Discurso do Exmo. Snr. Presidente da República a 1-1-942)
